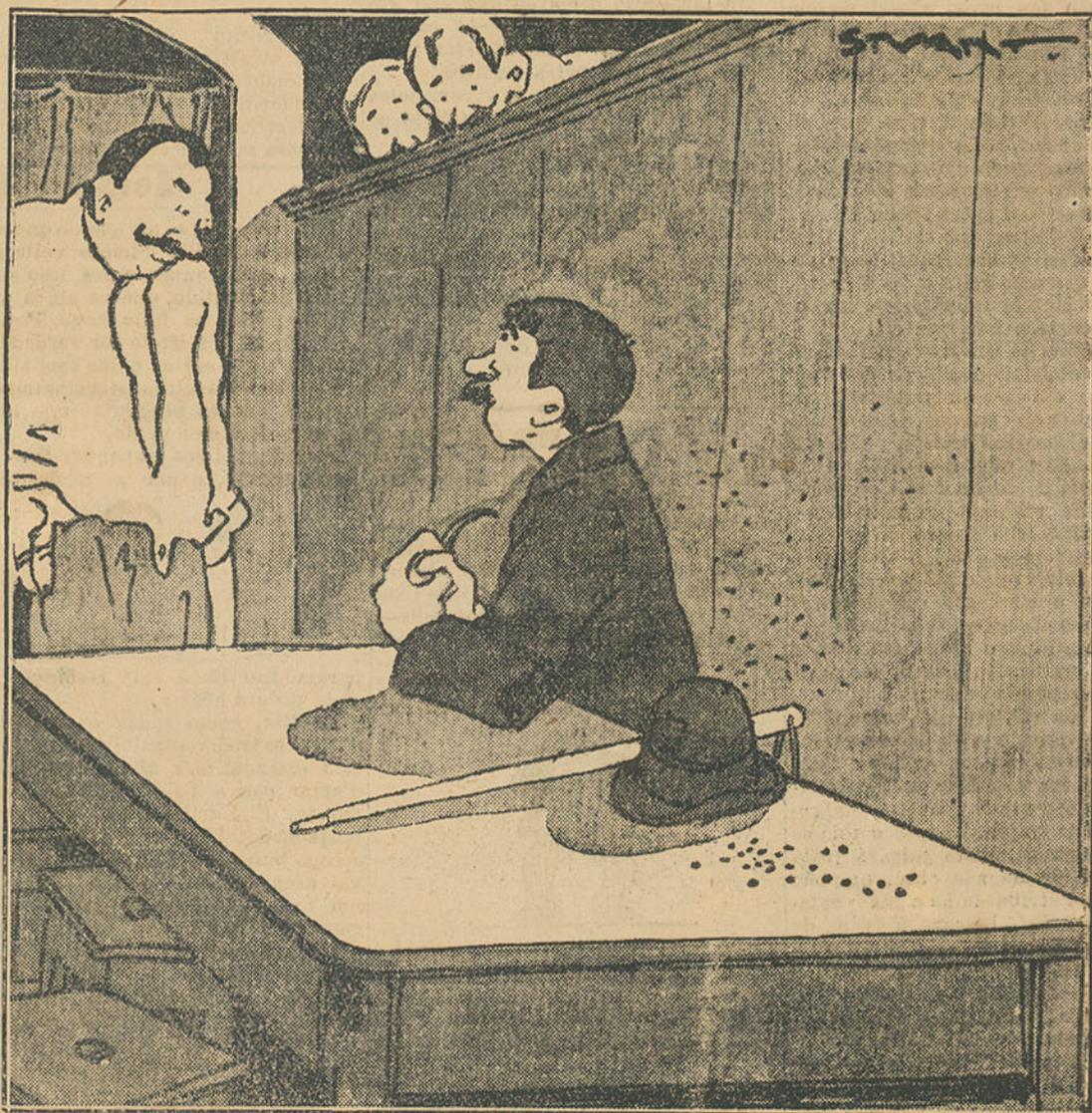




Redação, Administração e Oficinas — Rua de Seculo, 43, — Lisboa

# Barateamento



O criado:

— As iscas cá em casa já são mais baratas.

O freguês:

— Sim? Ora, eu costume mandar vir uma isca e um litro de vinho... (calculando e resolvendo) — Traz-me uma isca e dois litros...



## PALESTRA AMENA

## Discussão

As modas variam infinitamente, o que foi moda hontem não o é hoje ou amanhã, etc. etc. D'antes era moda respeitar uma pessoa a critica, ou quando não fosse a critica, as opiniões alheias, viessem de onde viessem e diz-se até que um pintor cel bre aceitou de bom grado a opinião d'um sapateiro quanto a um quadro que tinha pintado e só muito discretamente fez saber ao mestre bucha que ele não devia passar das chinelas, quando a mais se atrevia.

Agora, em arte, é moda os criticados virem a terreno discutir, dizer das suas razões, sem se lembrarem de que o grande publico é que tem a ultima palavra, que este se está nas tintas para criticos e criticados, a não ser quando o critico não faz mais, afinal, do que expôr a media das opiniões sensatas gerais, o que não será uma critica propriamente dita mas é, sem a menor duvida, uma revelação de bom senso.

Uns poucos de dramaturgos, mais ou menos discutidos, tem defendido ultimamente nos jornais as suas peças, atacadas, e muito recentemente uma actriz do teatro Nacional botou epistola a respeito das «toilettes» que trouxe n'uma peça e que causaram surpresa no publico—tanta, que uma delas, a do 2.º acto, levantan na plateia um sussurro muito, de condenar, mas irreprimivel.

A's palavras da actriz respondeu no «Seculo», edição noturna, um dos seus redactores e é a esse que nos dirigimos com a censura que merece, porque vem alimentar discussões inúteis, a não ser como reclamos; que demonio se conclui da carta d' a actriz e que demonio se conclui da resposta do jornalista? Aquela achou bom o que este achou mau. E que tem o publico com isso? Imagina a actriz que o publico deixará de repetir o sussurro da primeira noite, porque ella na epistola disse duas lérias, e imagina o jornalista que os sussurros continuam porque elle rebatou a argumentação da actriz?

Quanto aos criticos que respondem aos autores, quando estes não se encontram satisfeitos com as criticas, tambem perdem em responder-lhes um tempo que poderia ser de proveito, empregado n'outras coisas. Diga-se o que se disser, nunca o artista julgará justa uma apreciação da sua obra, que não seja lo-vor: attribui-la-ha a má vontade do apreciador, lançará a culpa da falta de exito aos interpretes, a tudo e a todos, menos a si proprio. Por seu lado o critico s'acrerá julgará que viu bem, que não lhe escaparam particularidades sigmas, que concluiu com logica e justiça—e afinal de contas, como fica dito, o publico é que resolverá em ultima instancia e será o juiz, sem vir aos jornais com prós ou com contras.

Ora então, chuchar e calar é o que convém, com esperanca de obter resultado melhor, em futura obra. Lembrem-se

lhes, para exemplo, um mancebo que não ha muitos mezes foi pateadissimo n'uma peça — a segunda, cremos — no teatro Nacional, e que recebeu a pateada intrepida e resignadamente, dizendo em voz baixa para os artistas que, com ele, afrontavam no palco as furias do publico:— Tambem o Gabriel de d'Annunzio tem sido pateado! E era ve dade. J. Neutral.

## Bôa-vista

Aí vai uma anedotasinha, para variar. Certo malocio, manhoso como todos os malocios, tendo-lhe chgado a vez de ir para militar p' nson na maneira de se livrar do que considerava uma grandissima espiga. Depois de muito cogitar, optou pela miopia maxima.

Na inspecção declaron que não via senão a muito menos de dois palmos adiante do nariz, e que não foi facilmente acreditado pelos medicos.

Um d'estes proceden a experiencias e, na verdade, de todas o patiforio se saiu bem, para ele.

Por fim, já cansado de tanto ser apoquentado, com o pôr e tirar de lentes, com o colocar-se a varias distancias de determin do alvo, etc. quando estava de vista desarmada perguntou ao medico:

—Vossa senhoria vê aquela mosca, acolá, naquela porta?  
—Vejo, respondeu o doutor.  
—Pois eu, não! concluiu o maroto, triunfantemente.

## A volta dos electricos

Bolas! bolas! bolas! E ainda lhes dizemos mais: bolas! Então agora, que já estavamos deshabitados dos electricos, que estavamos resignadissimos —mais ainda—que estavamos adaptados ao novo estado de coisas, que lhes começavamos a gosar as vantagens—«a quelque chose malheur est bon»—é que a companhia e o pessoal resolveram restabelecê-los? Bolas, bolissimas! Estranham estas considerações? En-



ão, leiam as seguintes notas, colhidas pela nossa conspiciua reportagem.

Em casa do Torres. A esposa:  
—Hoje tenho de ir á modista, á loja de chapéus, á loja das meias, á loja dos espartilhos, á loja das luvras...

O marido, pondo as mãos na cabeça—que é onde as põem todos os maridos quando se veem encravados:  
—Tudo isso, filha?

—Tudo... Como não sefa ha um mês, por falta de electricos...

Na 8.ª repartição da 2.ª Direcção do Ministerio d'uma coisa que nós sabemos, mas que não estamos para dizer. O chefe, para um 3.º official, que entra ao meio dia:

—O senhor porque não veiu a horas?  
—Estes dias tenho vindo sempre ao meio dia e v. ex.ª não me tem repreendido...

—Porque não havia electricos, mas agora já os ha!

O 3.º official, á parte:  
—Não se lembra este homem de que, haja ou não haja electricos, tenho de andar a pé, porque o ordenado não me chega para o carro!

Ajustando uma casa. O senhorio:  
—Não são menos de dois contos de reis por mês...

O aspirante a inquilino:  
—Com cinco divisões apenas, a pia na casa de jantar, só um quarto com janela...

O senhorio:  
—E electrico á porta, não se conta?  
O homem, desanimado:  
—E lembrar-me eu de que se a «grève» dos electricos se eternisasse apauhava esta casa muito mais barata!

## Será d'esta ?

Mais uma vez se noticia de que a nossa illustre Lucilia Simões volta para o teatro, mas tantas vezes isso se tem dito e desmentido, que ha ainda quem não acredite na feliz nova. Porque é que d'esta vez ha-de ser verdadeira a noticia e das outras o não tem sido?

Que decisivas circumstancias imperam agora? Eis as perguntas que andam na boca de toda a gente.

Pois vamos nós responder-lhes satisfatoriamente, dando as razões que le



varam Lucilia a esta resolução, que nada poderá abalar.

Lucilia, como todas as artistas, é d'uma extrema sensibilidade; já não está criança, mas ainda é susceptivel d'amar com a paixão da primeira mocidade. E Lucilia ama. Lucilia está apaixonada. Lucilia vai trocar o seu socego burguês pela agitação do teatro, vai sacrificar-se—por um homem, por um ente que logrou amolecer-lhe o empedernido coração. Emfim, Lucilia está apaixonada pelo Luiz Pereira, empregario e dono do Politeama e essa paixão, que a padia levar ao túmulo, se não fosse correspondida, leva-a ao palco d'aquelle teatro.

Esta é que é a verdade, que proclamamos, porque sabemos que nenhum dos dois pombinhos se zanga com a indiscreção; já são maiores e não temem que dar satisfações a ninguém...

E já agora, mais uma linha, para evitar mais interpretações: tudo isto é b:incadeira, ouviram?



### Como punhos!

# EM FOCO

E' como diz as verdades o nosso João Verdades «né» Tito Martins; como punhos! Leia-se «A' presença do povo *ilustrado*, o engraçadissimo volume agora publicado, com belas illustrações de Rocha Vieira, Jorge Birradas e Hipolito Colomb, e ver-se-ha que os costumes não podem ser castigados com mais justiça e com mais chiste.

E como n'estas coisas não ha nada como ver para crer, aí vae um trechozinho, por onde o leitor avaliará o resto:

## O amor no teatro

### PRIMEIRO QUADRO

#### O amor proprio

(Camarim d'uma «estrela». Ela caracteriza-se em frente do espelho. O jornalista, n'um «á vontade» de quem não está ali como jornalista apenas, segue-lhe os movimentos, embevecido.)

ESTRELA.—Vê agora se te esqueces de dizer, lá no jornal, que tive cinco chamadas no final do 1.º acto.

JORNALISTA.—Tiveram...

ESTRELA.—Não é tiveram, é tive eu... Que me importam a mim os outros!

JORNALISTA.—Está bem. Foram só para ti as chamadas (Abceira-a) E, em paga da mentira?

ESTRELA.—Em paga da mentira... Beija-o, sem deixar de se mirar ao espelho, beijando-se mais a si propria que a ele.) E que estive formosa, como



## Outra vez D. Gertrudes Pires

*Tereza de Jesus, sua indecente:  
Você que tem co'os pés do meu marido  
Para vir com seu modo delambido  
Dizer que os lava só semanalmente?*

*Se ele não fosse um homem tão prudente,  
Com todas as criadas comedido,  
Bem sei eu como tinha proce'dido  
Quando você levava a agua quente!*

*O que você queria era lava-lo,  
Por sua propria mão tirar-lhe o surro  
E aparar-lhe depois, talvez, um calo.*

*Enganou-se, porém; mude de curro,  
Não sirva gente, sirva algum cavallo,  
Ou antes, sua besta: sirva um burro!*

GERTRUDES PIRES

(BELMIRO, copiou)

ESTRELA.—... senão para lh'o repetires?... (Torna a beijal-o).

JORNALISTA.—Mas basta do que hei-de dizer ao publico. Dize-me tu alguma coisa a mim...

ESTRELA.—Que te amo... Que só te amo a ti!...

JORNALISTA.—E a ti!...

ESTRELA.—Pudera! O que faltava é que me quizesse mal!...

JORNALISTA.—Principalmente a ti...

ESTRELA.—Não, senhor! principalmente a ti.

JORNALISTA.—Em paga da mentira... (Vai para a beijar). O contraregr! (bate á porta e dizia: Prá secual)

ESTRELA.—Pronto! (Ao jornalista que não desiste do beijo). Vai lá para fóra, anda.

JORNALISTA (recostando-se no sofá).—Para quê?... Já sei o «que tenho» que escrever... Alem de que, aqui vejo-te melhor «representar»...

menos, porque até nós o ficamos, apesar de não estarmos presentes.

Não estavamos, mas ficamos habilitadissimos a explicar. d'hoje para o futuro, os apelidos que por aí abundam, tirados da fauna. Por exemplo, o Moreira Rato é evidente que teve algum antepassado que gostava muito de queijo; o Costa Lobo, teve pela certa algum avô que se fartou de papar cordeiros,



o professor Alipio Camelo, se folhear os papeis de familia, encontra lá pelo seculo 17.º algum parente com duas marrecas; etc.

E' pena que o erudito academico não fizesse a analise dos apelidos pertencentes ao reino vegetal;—mas ainda está a tempo—o Castanheira de Moura teria dado castanhas em tempos, o José Pinheiro teria dado pinhões, e nozes o Nogueira e o nosso querido Pereira, do Chiado, será um ourives e peras?

Esperemos que no novo Congresso sua ex.ª trate d'estas arvores, que não são de menos interesse do que a bicharada.

## Sciencias filologicas

Não é por nos gabarmos, mas sciencia como a que nós botamos no Congresso Luso-Espanhol, realisado ha dias no Porto, poucas vezes se verá botar!

Para não irmos mais longe, só a proleção do nosso eminente archeologo Leite de Vasconcelos, em que transcrevemos duma folha noticiosa—partindo da observação da linguagem corrente, na qual figuram numerosas vozes animais, já como comparação, já como apódo, de expressão de afeta, explicou por elles as alcunhas tiradas da fauna e por estas os apelidos da mesma significação, como Lobo, Coelho e muitas outras!

Os estrangeiros, já se vê, ficaram abanadadissimos, nem o caso era para

nunca... Que as minhas «toilettes» foram o «clou» da noite...

JORNALISTA.—Etc. etc. A cantata do costume...

ESTRELA.—Convem repetir sempre. O publico precisa que se lhe matraqueiem estas coisas, para dar por ellas. Dize tambem, é claro, que tenho muito talento...

JORNALISTA.—(tornando a acercar-se d'ela): E em paga da mentira? ESTRELA. (repelindo-o, ameaçadora) Malcriado! Talvez não tenha?

JORNALISTA.—Se for assim, tens, e que não tivesses, era o mesmo. Como tu dizes, o publico á força de lh'o repetirem, acaba por acreditar tudo... E para que sou eu teu amante...

## Correspondencia

ALBERTO P. D'AFRICA—Não vae para a «Torre de Chifre», não senhor, porque essa é só para os reprobos. Vão para dar calor á «bailarina».

S. T. O. — Não estranhe a repetição dos «Focos»: criada e patrão tem direito á defesa, e onde se fazem aí se pagam.

SEMPRE FIXE — Sempre! Ainda o dizes, ó Viroscas!

# MODAS



— Então o Soares anda agora às pontas de cigarro?!  
— Sempre escravo das modas; como tudo desce, ele desceu também à última...